

Entrevista

A antropologia contemporânea, confrontada, durante a segunda metade do Século XX, com o desaparecimento progressivo do seu objecto tradicional, e com um mundo em rápida mudança, procurou, e encontrou, novos terrenos e novas metodologias. Um desses terrenos, particularmente fecundo, é o da saúde – uma preocupação cada vez mais premente no actual mundo globalizado. Simultaneamente, a medicina de hoje enfrenta uma crise do seu modelo de referência e espera das ciências sociais e humanas uma contribuição significativa para a sua resolução. Tanto a antropologia quanto a medicina podem aproveitar as artes filmicas e as descobertas recentes no domínio das tecnologias audiovisuais para, de forma dialógica, atingir novas inteligibilidades, melhorar a formação dos seus profissionais e tornar as suas práticas, de observação e de intervenção, mais adequadas às reais necessidades dos seus “objectos”. É neste novo contexto que se afigura de notável interesse ouvir as opiniões do Dr. Pedro Coito, cirurgião português e Presidente da WAMHF – World Association of Medical and Health Films.

Em termos genéricos, como é que definiria os objectivos da WAMHF?

A WAMHF (Associação Mundial do Filme Médico e da Saúde) pretende promover a divulgação e estimular a compreensão de temas relacionados com a Medicina e a Saúde, num contexto o mais abrangente possível, patrocinando e apoiando a realização de Festivais de Audiovisuais, fomentando o intercâmbio de experiências entre profissionais da saúde e de outras especialidades, tendo em vista um melhor e mais actualizado conhecimento, numa perspectiva de ensino, investigação e divulgação.

E, no contexto actual, como vê a relevância da WAMHF para a investigação médica?

Ao patrocinar a divulgação do que é mais actual e cientificamente correcto, estamos de certo modo, se bem que indirecto, a incentivar e a estimular essa mesma investigação.

Pode falar um pouco dos meios de que a WAMHF dispõe e precisa, e se os considera suficientes?

Qualquer organização que tenta bastar-se a si própria, num contexto de “independência” e que vive quase exclusivamente das quotizações dos seus associados, é sempre, diria eu, *auto-insuficiente*... Gostaríamos de fazer muito mais e de poder divulgar a WAMHF com outros meios de que, infelizmente, não dispomos. A oportunidade que a V. revista nos dá, e que desde já agradecemos, é um excelente incentivo e uma ajuda preciosa.

Considera que a comunidade médica dá uma atenção suficiente ao valor informativo e científico dos filmes médicos e às actividades da WAMHF? E, se não, o que é que faltará?

A nossa cultura científica, no sentido lato da palavra, é muito deficiente e pouco exigente. A comunidade médica não foge, infelizmente, a esta regra. E se não somos nós que fazemos as coisas, se são outros que têm as ideias e as põem em prática, são seguramente más ideias, reveladoras de alguma sede de protagonismo... Isto é verdade, principalmente no nosso meio. Vejo com alguma tristeza que o panorama em Portugal é pior que noutros países, em que há uma maior receptividade e apreço pelo trabalho desinteressado que efectuamos.

E a comunicação social, sobretudo televisiva: considera que ela desempenha um papel suficientemente positivo no plano da educação para a saúde e da prevenção de algumas das doenças mais graves dos nossos dias? Estará ela a par dos prémios atribuídos pela WAMHF e levá-los-à em conta nas suas grelhas de programação?

Penso que não. Para os Media o que vende é o escândalo, a baixa política, a desgraça, o ultraje, a difamação, a guerra. A educação, a divulgação científica, a formação, a potenciação do aumento dos conhecimentos numa perspectiva de enriquecimento pessoal e colectivo é subestimada e, diria mesmo, quase ignorada. Isto a nível nacional, já que nos outros países mais avançados da Europa já existe outro tipo de interesse. E não é por falta de divulgação ou informação da nossa parte. Um bom exemplo do que digo é o do Filmóbidos, o Festival Internacional do Filme Médico e Científico, que se tem realizado em Óbidos desde 1997, com enorme sucesso, reconhecido como um dos melhores a nível internacional, e que tem sido quase ignorado pela nossa imprensa.

Temos que falar também das políticas de saúde. A WAMHF tem recebido incentivos dos meios políticos? Há consciência suficiente da importância dos filmes médicos e das suas qualidades científicas e pedagógicas? E da parte do público?

A WAMHF tem o alto patrocínio da Organização Mundial de Saúde, o que muito nos honra. Quanto a outros apoios, eles centram-se principalmente nos Festivais membros, nalgumas Instituições Universitárias e nos membros associados a nível individual. Os meios políticos apoiam ocasionalmente a realização de alguns Festivais membros da WAMHF, mas apesar de existir essa consciência de reconhecimento da importância deste tipo de filmes, como os apoios estão normalmente na relação directa dos votos recebidos ou a receber... Quanto ao público, existe também um elevado deficit de cultura científica, que só pode ser combatido pela acção persistente e pedagógica de todos aqueles que, como nós, acreditam que a verdadeira liberdade só se alcança com o conhecimento e a valorização cultural.

Para nós, antropólogos portugueses, teria uma mensagem particular a transmitir?

Uma mensagem de apreço e de incentivo, numa óptica de reconhecimento da importância da V. actividade para o conhecimento da humanidade e para a divulgação científica.

Jacques Houart

Departamento de Antropologia
Universidade de Coimbra
3000-056 Coimbra, Portugal
jacquesh@ci.uc.pt